

A compreensão da ferramenta criatividade e sua aplicabilidade no processo avaliativo

Wesley Sebastião de Almeida¹

Divino Lucas de Souza²

Érica Pereira Silva³

Fabio de Brito Gontijo⁴

Resumo: Este artigo através de uma revisão bibliográfica tem o intuito de debater o processo avaliativo e como a ferramenta criatividade pode auxiliar na busca pelo novo e a ruptura da rotina. Apresenta uma reflexão sobre a criatividade, a qual é uma característica da espécie humana e está presente nas mais diversas situações vivenciadas pela sociedade. É notória a mudança de comportamento e perfil dos alunos nas salas de aula, hoje os professores convivem com as três gerações, Y, X e Z, o que se torna conflitante para o educador encontrar um método avaliativo eficaz. No artigo são apresentadas algumas considerações da avaliação que já perduram mais de quatrocentos anos, os bloqueios criativos que impedem a busca pelo novo, a importância dos estímulos e da motivação. A criatividade também é explanada para que se conheça mais o seu processo criativo. No entanto, constatamos que nesse processo de criatividade é necessária uma melhor organização do trabalho pedagógico, as aulas devem ser envolventes e o professor deve ter dinamismo e desenvolver a competência prática para diversificar as atividades avaliativas sem perder de vista a qualidade da aprendizagem.

Palavras chave: Criatividade. Processo Avaliativo. Cotidiano Escolar.

Abstract: This article through a literature review is intended to discuss the evaluation process and how the tool can assist in the pursuit of creativity again and break the routine. It presents a reflection about creativity, which is a charac-

¹ Publicitário, Docente no Centro Universitário de Patos de Minas – Unipam, Especialista em Marketing. Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba (Uniuibe).

² Licenciatura Plena em Filosofia, Especialista em Ensino de Filosofia. Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba (Uniuibe).

³ Pedagoga, Analista Educacional na Superintendência Regional de Ensino de Patos de Minas, Especialista em Supervisão. Mestranda em Educação pela Universidade de Uberaba (Uniuibe).

⁴ Engenheiro de Telecomunicações, Docente do Centro Universitário de Patos de Minas – Unipam, Especialista em Gestão. Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba (Uniuibe).

teristic of the human species and is present in the most diverse situations experienced by society. It is notorious the change of behavior and profile of students in classrooms, teachers today coexist with three generations, Y, X and Z, what becomes conflicted to the educator to find an effective method. In the article are presented some considerations of the evaluation already lasting more than four hundred years, creative blocking avoids the search for the new, the importance of incentives and motivation. Creativity is also terrace to learn more about the creative process. However, we note that in the process of creativity is required better organization of pedagogical work, classes should be immersive and the teacher must have and develop practical competence dynamism to diversify the evaluative activities without losing sight of the quality of learning.

Keywords: Creativity. Evaluation Process. Everyday Life at School.

1. Introdução

A criatividade é uma característica da espécie humana, segundo Maslow (1968 *apud* PREDEBON), o homem criativo não é o homem comum ao qual se acrescentou algo; o homem criativo é o homem do qual nada se tirou.

Esta ferramenta não pode ser pensada de forma isolada, ela faz parte do panorama geral da comunicação que está em constante envolvimento com fenômenos paralelos. Em sua forma mais simples de explicação, a criatividade está presente em uma receita de um prato, criado por uma cozinheira que tem o desafio de aproveitar sobras de alimentos, em um projeto desenvolvido por um arquiteto para dar luminosidade em um ambiente, ou em uma sala de aula quando professores utilizam de melodias para adaptar conceitos e fórmulas para facilitar o entendimento dos discentes. O que todas estas situações tem em comum é a solução de problemas e a descoberta de oportunidades.

Com a proeminência de novas tecnologias, o constante movimento de nossa sociedade e as inquietações das gerações denominadas X, Y e Z, é essencial que os professores busquem alternativas e adotem métodos para estimular e obter melhores resultados dos alunos no processo avaliativo.

Para o sociólogo Lévy, mudarão os materiais pedagógicos e as competências dos estudantes.

Os alunos do futuro serão pessoas criativas, abertas e colaborativas. Ao mesmo tempo, serão capazes de se concentrar com uma mente disciplinada. É necessário equilibrar os dois aspectos: a imensidão das informações disponíveis, colaborações e contatos; com [a capacidade de] planejamento, realização de projetos, disciplina mental e concentração⁵.

⁵ Notícia fornecida por Pierre Lévy em entrevista ao Jornal Estadão de São Paulo, em 2 de julho de 2012.

O problema a ser elucidado neste artigo é demonstrar como a ferramenta “criatividade” pode se tornar aliada dos profissionais de educação na avaliação do processo de ensino e de aprendizagem.

2. O cotidiano

Uma das características da criatividade é ver o mundo de uma forma diferente, é levar o inovador a uma rotina que está engessada em nosso dia-a-dia, é buscar caminhos que não sejam usuais ou pouco explorados. Enfim, trazer o novo para o ambiente em que vivemos e para os desafios que são apontados.

O novo em alguns momentos causa uma reação de espanto, medo e repulsa, visto que lhe dar com o previsível é mais cômodo e seguro. Navegar por uma via contrária ao inovador nos arremete ao cotidiano, ou seja, levar a ver de novo e a não ver o novo. Pode a vida entrar em uma monotonia, sem busca por novidades e desafios, e dar uma falsa sensação que tudo é sólido e estável. Ao observarmos o todo, nenhum sistema é sólido, tudo se dissolve, isso se confirma no título do livro de Bauman, *“Tudo o que é sólido se dissolve no ar”*.

O cotidiano está ligado ao sempre igual e à rotina. Esta situação ocorre também no universo escolar, conforme descreve Esteban (2002, p. 129):

Assim também é a escola e seu cotidiano. Todo dia, à mesma hora, os mesmos alunos e alunas, a mesma professora, a mesma rotina. A professora já sabe, às vezes até antes de conhecer a turma, que tem aquela menina comportada, com o uniforme limpo, todo o material na mochila; menina trazida pela mão da mãe e que todo dia vem com o dever feito [...].

O igual pode vendiar os olhos do professor e dar autoconfiança, ele entra em uma sala, apresenta o conteúdo a ser desenvolvido, a bibliografia que será utilizada como referencial, as atividades e as avaliações que serão aplicadas no decorrer das aulas, em muitos casos uma repetição do que foi utilizado nos anos anteriores em outras turmas. Essa rotina vivenciada por muitos docentes leva a interpretar que as turmas são homogeneias. Este fazer igual cria um ambiente de conforto e comodismo, e com o tempo falta de motivação e estímulo. A ausência de motivação e estímulo contribuem para um bloqueio criativo, o qual sem novas experiências as atividades e as avaliações desenvolvidas pelos docentes correm o risco de serem repetitivas, com enunciados e formatos com que não se adequam a realidade dos alunos.

Segundo Predebon (2001, p. 144), chicotear o burro é um estímulo normal aos olhos de carroceiros. Mas, quando o animal empaca, muitos colocam um alimento a sua frente, recurso que é outro tipo de estímulo. Daí vem à figura da cenoura pendurada à frente do animal, estereótipo universal de estímulo ou motivação.

A criatividade não é exceção deste exemplo, pois o comportamento inovador não aparece como padrão para o homem e precisa ser motivado. Pois bem, podemos escolher a forma de motivar nossa criatividade: pela força da necessidade (o chicote), ou pelo caminho da motivação sadia, que se aproxima da “cenoura” e que é manejada por nós mesmos, conseguiremos atingir os níveis mais altos de nossa criatividade. (PREDEBON, 2001, p. 144).

Outra qualidade que deve ser agregada na formação do professor é a curiosidade, que desperta o desejo de buscar o novo e deixar o cotidiano para trás.

Freire (1996, p.33) faz uma correlação entre a curiosidade e a construção do conhecimento:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.

O estímulo, a motivação e a curiosidade, podem se tornar um combustível para a busca de novos métodos e ferramentas no processo de ensino e avaliação dos alunos. Por mais cansativo que seja a elaboração de avaliações, elas devem ser vistas como uma aprendizagem significativa e formativa. É um desafio exaustivo avaliar os alunos que não se adaptam aos padrões pré-estabelecidos, que vivem situações culturais, sociais e econômicas opostas, aos conceitos e práticas educacionais impostas pelos professores, surge a necessidade da ambivalência da avaliação. (ESTEBAN, 2002, p.135). O desenvolvimento dessa ambivalência requer outra característica do professor que é o entusiasmo.

Ao desenvolvermos alguma atividade, movidos pelo entusiasmo não há cansaço, dores, ou dificuldades. Segundo Freire (1996, p.21), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

3. O modo conservador de agir

Um fator que se torna obstáculo para os profissionais da educação, em levar inovação para o processo de aprendizagem e avaliação dos alunos são os bloqueios criativos, como a autocensura, bloqueios externos e limitações da percepção humana.

O modo conservador de agir provoca os bloqueios mentais, levando à rotina e praticidade de resposta, pouco exige da criatividade. (VON OECH, 1988, p. 19).

Os bloqueios criativos levam a uma prática rotineira em sala de aula e sem emoção para os alunos.

Ao analisar o *Ratio Studiorum*, um conjunto de normas criado para regulamentar o ensino nos colégios jesuíticos e que teve sua primeira edição no século XVI, observa-se que muitos conceitos ainda estão presentes no sistema educacional, quase quinhentos anos depois dos jesuítas chegarem ao Brasil.

Algumas regras fazem parte da rotina da aplicação das avaliações aos alunos. Segundo *Ratio Studiorum* (1599, p. 58):

3. Os alunos devem trazer os livros e o mais que for necessário para escrever afim de que não seja necessário pedir cousa alguma a quem quer que seja durante a prova. [...]

5. Cuidado com os que sentam juntos. Tome-se cuidado com os que sentam juntos: porque, se porventura duas composições se apresentem semelhantes ou idênticas, tenha-se ambas como suspeitas por não ser possível averiguar qual o que copiou do outro. [...]

10. Se alguém não terminar a prova no tempo prescrito, entregue o que escreveu. Convém, por isto, que saibam todos exatamente o tempo que é dado para escrever, para copiar e para rever.

O que pode ser observado é que alguns preceitos seculares continuam a vigorar, como o cuidado que o professor deve ter para o aluno não utilizar a “cola”, ou seja, apresentar uma composição idêntica ao do colega. Outra situação vivenciada no *Ratio Studiorum* é a rígida imposição do tempo para se fazer uma avaliação, prática rotineira na sociedade, pois a mobilidade e a liquidez não permitem que cada indivíduo tenha o seu próprio tempo, adaptado à sua realidade intelectual, como resultado dessa pressão é a produção em série, robotizada e não individualizada. Estas regras podem ser presenciadas em quase todas as salas de aulas. O que leva a uma reflexão sobre a (re)evolução do sistema de avaliação.

A avaliação para muitos docentes se torna uma ferramenta punitiva, sem congruência ou como medida, ocorre em salas de aula sem o devido cuidado com as competências e habilidades dos cursos, e exclui tudo que não é objetivamente mensurável. A falta de clareza nos enunciados e nos métodos de avaliação reflete nos resultados e na aprendizagem dos alunos.

Já no século XVII, havia a preocupação de uma pedagogia moderna e dar novos rumos na educação. Comenius (1.657, p. 149) assim descreve na *Didactica Magna*, sobre punição por meio da tortura:

É, por isso, cruel o professor que, tendo marcado aos alunos um trabalho, os não esclarece bem no que ele consiste, nem mostra como ele deve ser feito, e, muito menos, os ajuda enquanto tentam fazê-lo, mas os obriga a estar ali a suar e a sofrer sozinhos, e se fazem

qualquer coisa menos bem, torna-se furioso. Mas que é isto senão a verdadeira tortura da juventude? Seria o mesmo que se uma ama obrigasse um bebê, que ainda vacila, a manter-se de pé, a caminhar expeditamente, e se o não fizesse, o obrigasse a andar à força de bastonadas. A natureza ensina-nos outra coisa, a saber, que se deve tolerar a fraqueza, enquanto não vem a força.

Há mais de quatrocentos anos havia a preocupação em preparar avaliações formativas e não punitivas, para não causar um mal-estar e repúdio ao aluno, dificultando o seu aprendizado. A transformação e inova(ção) é importante para a quebra de paradigmas. Ao conhecer a realidade de cada aluno, permite ao professor fazer adaptações em sua forma de avaliar, sem estar amordaçado aos métodos conservadores.

4. A criatividade

Lidar com pessoas é administrar e conviver com um repertório grande de emoções e comportamentos conscientes e inconscientes, sujeitos às mais diversas influências internas e externas.

Quanto mais conhecermos o valor das palavras, as necessidades, os desejos e os impulsos humanos e as emoções que desencadeiam, mais saberemos sobre a técnica de persuasão e seu modo de operar a nosso favor. (SANT'ANNA, 2009).

A partir dessa consideração, tem-se o propósito de identificar e compreender como o processo criativo pode influenciar os educadores no desenvolvimento das avaliações. Pode-se fazer uma análise do processo criativo nos dois tipos de indivíduos, conforme argui Predebon.

O indivíduo que nasce com o comportamento criativo como que fazendo parte de sua personalidade tem uma postura de “viciado pelo novo” diante do mundo. Claro que o exercício de sua compulsão inclui o prazer, mas este sequer é procurado como um fim. Ao acabar cada tarefa de criação, a pessoa relaxa com a sensação de dever cumprido, perante si própria. Quando não tem obrigações de criar, ele descobre desafios no cotidiano, imaginando modificações em tudo, ou até mesmo fica “treinando” ... (PREDEBON, 2001, p. 35)

Não se pode separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. (LÉVY, 2005, p.22). A sociedade é estimulada a buscar as novas tecnologias e é esta busca, que motiva o segundo indivíduo de acordo com Predebon.

Com o indivíduo que as circunstâncias tomaram criativo acontece algo diferente: ele passa a deslumbrar-se com o prazer que advém de sua criatividade e toma-se também um fã dessa condição, nova para si, adquirindo o “vício” não pela via compulsiva, mas pelo caminho hedonístico. Busca o prazer de criar, pelo prazer da conquista do “novo”. Descobre, sem analisar por que, que o novo é irmão do diferente e que o diferente, quando relevante, é chamado de criativo. (PREDEBON, 2001, p. 35)

Para que todo o processo criativo possa fluir naturalmente, tanto por profissionais da educação ou de outras áreas, precisa de motivação, tem que ser vivenciado como um folguedo.

Para melhor discorrer sobre a criatividade no método de avaliação, é interessante apresentar um estudo realizado por Esteban (2002, p. 134):

Investigando as respostas erradas de seus alunos e alunas, a professora ia identificando seus conhecimentos, seus saberes, as relações que estabeleciam, ia tendo novas informações, ia se configurando uma nova percepção do contexto. Iluminando o erro, no cotidiano sempre igual, iam se revelando as diferenças. [...] Desafiada pelo caos cotidiano, a professora foi abrindo mão de suas certezas e deixando emergir suas dúvidas. Trabalhando as dúvidas, testando as hipóteses, indagando o observado, foi esboçando novos caminhos que tentava percorrer.

Assim, pode-se afirmar que o processo avaliativo não deve ser engessado, a observação dos alunos aliada as experiências adquiridas ao longo da vida, podem contribuir para o desenvolvimento de novas formas de avaliação. Isso ocorre quando se utiliza a ferramenta “criatividade”, que está ao alcance de todos, mas bloqueada por diversos fatores, como o medo ao novo.

5. Considerações finais

Este artigo apresentou uma reflexão sobre a criatividade, a qual é uma característica da espécie humana e está presente nas mais diversas situações vivenciadas pela sociedade. E ela se torna a solução de problemas e a descoberta de oportunidades, que podem auxiliar o professor a buscar alternativas e métodos para estimular e melhorar os resultados das conflitantes gerações X, Y e Z, que estão em sala de aula.

Saber lidar com estas novas situações causa em muitos profissionais um sentimento de medo, resistência e repulsa, pois trabalhar com o novo, nos leva a sair da rotina, deixar um porto seguro para explorar novos mares. Mas é a dúvida o combustível para novas possibilidades, principalmente em um mundo que está em constante transformação. Esta busca criativa para encontrar formas mais va-

riadas e eficazes de tipos de avaliações que vão de encontro ao perfil das novas gerações é um desafio, que precisa ser enfrentado. Fazer o “igual”, o “mesmo”, pode criar uma cegueira proposital para evitar novos meios e formatos de avaliação.

Ao fazer as atividades de forma repetitiva, existe um jargão na sociedade em diz que a pessoa trabalha no “piloto automático”, muito bem ilustrado no filme de Chaplin, “Tempos Modernos”. O que não se deve ocorrer na educação, pois não se fabrica conhecimento em massa, cada indivíduo tem suas especificidades. O modo conservador pode ser um bloqueio criativo, pois ficar preso a regras e métodos seculares proporciona um ambiente cômodo, sem conflitos. É estar ancorado no dito popular, “time que está ganhando não se mexe”.

Por fim, o trabalho aponta para a compreensão das necessidades, desejos, impulsos e as emoções que influenciam o educador, para que ele possa trabalhar os bloqueios criativos, e consequentemente obter melhores resultados no desenvolvimento das avaliações. Com tudo isso, se conclui que a partir do momento em que há uma reflexão por parte dos educadores, para sair da rotina, é um bom sinal que o novo começou a ser gerado.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio: Zahar, 2000. 256p.

COMENIUS, Iohannis Amos. *Didactica Magna (1621-1657)*. Versão para eBook. Introdução, Tradução e Notas de Joaquim Ferreira Gomes. Fundação Calouste Gulbekian. 2001.

ESTEBAN, Maria Teresa. A avaliação no processo ensino/aprendizagem: os desafios postos pelas múltiplas faces do cotidiano. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan-abr, 2002, p. 129-137.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1990. p. 22

PREDEBON, José. **Criatividade**: abrindo o lado inovador da mente: um caminho para o exercício prático dessa potencialidade, esquecida ou reprimida quando deixamos de ser crianças. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

SANT’ANNA, Armando; ROCHA JÚNIOR, Ismael; GARCIA, Luiz Fernando Dabril. **Propaganda**: teoria, técnica e prática. 8. ed. rev. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

VON OECH, Roger. **Um “Toc” na cuca**: técnicas para quem quer ter mais criatividade na vida. Tradução de Virgílio Freire. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1988.

* Wesley Sebastião de Almeida:

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1323348146174090>

* Divino Lucas de Souza:

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7119973927675841>

* Érica Pereira Silva:

* Fabio de Brito Gontijo:

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3163292912388225>

